

DINÂMICAS GEOAMBIENTAIS: DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Rafael Brugnolli Medeiros¹

O homem como integrante do meio, necessita da natureza para sua sobrevivência, assim, é necessário avaliar o padrão de desenvolvimento e não somente a interação homem-natureza, mas também a interação homem-sociedade, no qual o alto consumo, o aumento da tecnologia e a irregular distribuição de riquezas que ocorre hoje em dia, são refletidos de forma hostil na natureza.

O uso dos recursos naturais sem o conhecimento de suas interações, somado ao crescente desenvolvimento econômico de alguns países, vêm potencializando os impactos ambientais. A intensa pressão exercida sobre estes recursos é acompanhada nas últimas décadas pela preocupação com a sua quantidade e qualidade.

O tema desenvolvimento econômico vem sendo discutido por vários anos, onde diversas maneiras e teorias foram criadas para analisar o desenvolvimento dos países. Uma dessas maneiras é através do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH, que analisa questões como o analfabetismo, esperança de vida e renda per capita, para saber se um país é desenvolvido, subdesenvolvido ou em desenvolvimento.

Porém, com o passar dos anos, muitos ambientalistas começaram a criticar o modo de produção atual, que degrada os solos, polui o ar, os rios e causa desmatamento, toda essa degradação ocorre na busca de manter sua produção ou aumentá-la.

Nota-se que o homem é o principal modelador do meio ambiente, pois é o único animal capaz de modificar o meio em que vive, criando formas artificiais de adaptação ao ambiente natural, sendo que sua importância como ser vivo e social passa necessariamente pelo entendimento dos entraves que a natureza impõe à sua existência.

Não são todas as áreas da superfície terrestre que podem ser habitadas, mas com o aumento da tecnologia e muitos investimentos, o homem de fato pode sobreviver além dos limites impostos pela natureza, porém, essa ocupação desordenada do homem acaba causando diversos problemas de ordem ambiental e social.

Tanto é que Mota (1981) afirma, que na medida em que o homem se apropria de determinados locais próximos ao curso d'água, sobem as chances desse curso d'água ser degradado e a ocupação do homem é o principal causador da degradação ambiental e desequilíbrio ecológico, sendo que sua ocupação deve ser planejada e que ações mitigadoras devem ser implementadas.

Visando a diminuição dessa intensa degradação ambiental, em 1972 foi realizada a primeira conferência sobre o meio ambiente em Estocolmo na Suécia, onde foi abordado, entre diversos temas, o modo de produção da época e que os recursos do planeta Terra são esgotáveis, mas não obrigou países a tomar iniciativas para uma melhora da parte ambiental.

Em 1992, foi realizada a conferência sobre o meio ambiente no Rio de Janeiro, ficando conhecida como ECO-92 ou RIO-92, sendo discutidos temas como a proteção da biodiversidade, mudanças climáticas e foi aprovada uma importante

medida, a Agenda 21, que abrange assuntos como desenvolvimento sustentável, entre outros.

O mesmo tema é discutido por diversos autores, onde as idéias sobre o desenvolvimento sustentável enfrentam uma série de problemas, principalmente quando se leva em consideração o desenvolvimento econômico, social e tecnológico, que por sua vez, transformam constantemente o espaço geográfico e conseqüentemente o meio ambiente, gerando assim uma dinâmica geoambiental.

Por isso, vem crescendo os estudos sobre a condição/estado que se encontra a natureza e toda sua dinâmica. Este estudo é algo muito abrangente, mas necessário, pois consiste em diversos fatores, integrando todos os elementos presentes na natureza.

Com Christofolletti (1999) surge a idéia dessa dinâmica geoambiental e de levar em conta o espaço geográfico como um objeto de estudo da geografia enquanto ciência, haja vista, que seu dinamismo espacial é resultante de diversos processos físicos, sociais e biogeográficos.

Christofolletti (1999) ainda salienta que para analisar essa dinâmica, deve-se trabalhar de forma sistêmica, pois o mesmo nos oferece total embasamento eficaz e investigativo à cerca das alterações ambientais como um todo.

Neste mesmo sentido, Bertrand e Bertrand (2007) afirmam que para uma melhor compreensão da dinâmica, deve-se trabalhar com geossistema, pois funciona de modelo teórico-metodológico de análise temporo-espacial advindo de fatores geomorfológicos, climáticos e hidrológicos.

Já Tricart (1977) afirma que o meio ambiente deve ser estudado por esse comportamento dinâmico, ou seja, através da análise dos fluxos de energia que entram e saem da natureza a todo instante e suas interações.

A partir deste sentido de interação entre todos os seus elementos, é necessária uma análise integrada da natureza, pois permite que se tenha um conhecimento das possíveis evoluções dos cenários.

Porém, Tricart (1977), afirma que esta análise deve partir da compreensão de que não há ecossistemas sem que ocorra a influência do homem de alguma forma, estudando o ambiente em uma perspectiva evolucionista, baseado na interação dos elementos bióticos e abióticos.

Assim, Monteiro (2000) salienta que para essa análise integrada, é necessário trabalhar com geossistema, onde visa à interação dos elementos naturais e antrópicos, unindo todos esses elementos, levando assim, ao conhecimento do estado real da qualidade do ambiente.

Dessa forma, nota-se que se analisado integralmente, o meio ambiente é passível de ser compreendido dinamicamente, já com os efeitos causados pelo desenvolvimento econômico. Sendo necessário como um auxílio a esta análise, a elaboração de um planejamento, mas que as ações realizadas através destes planejamentos, visem não só o lado econômico, mas também a parte ambiental, pois de acordo com Ab'Saber (2003), ao estudar as potencialidades paisagísticas dos domínios brasileiros, o autor adverte para a fragilidade destes e que precisam ser protegidos, principalmente os capões de mata, matas de galeria e as cabeceiras de drenagem. Entende também que o planejamento quando visa apenas o lado econômico, é o principal causador da deterioração ambiental.

Uma das formas para buscar a diminuição dessa deterioração, é a necessidade do poder público e de toda a sociedade, que ocorra uma conscientização e intervir com leis rígidas e uma fiscalização compromissada contra o uso inadequado e a ocupação desordenada do solo, buscando sempre um desenvolvimento, mas que não afete os recursos ambientais ao redor, ou seja, um desenvolvimento sustentável.

Portanto, discutir sustentabilidade acaba entrando em uma contradição, pois de acordo com Veiga (2006) o desenvolvimento sustentável procura vincular a temática do crescimento econômico com a da natureza, para isso, é necessário o conhecimento em três importantes áreas: comportamento humano, social e econômico; evolução e dinâmica do ambiente; configuração do território. Porém, essas áreas são interligadas e sempre alteram umas às outras.

Para um ambiente sustentável ou parcialmente sustentável, faz necessária idéias que mudem a sociedade e o meio ambiente, sem que as mesmas parem ou reduzam seus processos de desenvolvimento econômico. Para isso, é importante um planejamento participativo efetivo nos setores da economia que estão ligados direta ou indiretamente ao meio ambiente, buscando ao mesmo tempo, uma melhor qualidade de vida para a população e uma melhoria da qualidade ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AB'SÁBER, A. N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BERTRAND, G.; BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades**. Maringá: Editora Massoni, 2007.

CHRISTOFOLLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.

MONTEIRO C. A. de F. **Geossistemas: a história de uma procura**. São Paulo: Contexto, 2000.

MOTA, S. **Planejamento urbano e preservação ambiental**. Fortaleza: Edições UFC, 1981.

TRICART, J. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE/SUPREN, 1977.

VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.